

Considerações do humano e do ambiental no contexto antropocêntrico moderno

Human and environmental considerations in the modern anthropocentric context

Laura Alvarenga Costa Ribeiro

lauramessenger@hotmail.com

Graduanda em letras pela PUC-Rio

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir questões relativas ao humano e ao meio ambiente que dialoguem com a Carta Encíclica *Laudato Si'*, do papa Francisco. Partindo da noção da crise antropocêntrica moderna referenciada na Encíclica, este artigo pretende evidenciar o desafio que temos pela frente e propor uma inversão de perspectiva em relação ao planeta.

Palavras-chave: humano; ambiental; sustentabilidade; catolicismo; meio ambiente.

Abstract

The purpose of this article is to discuss human and environmental issues that dialogue with Pope's Francis Encyclical Letter *Laudato Si'*. Starting from the notion of the modern anthropocentric crisis referenced in the Encyclical, this article aims to highlight the challenge that lies ahead and propose a reversal of perspective in relation to the planet.

Keywords: human; environmental; sustainability; Catholicism; environment.

Introdução

Este artigo objetiva “reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente” (FRANCISCO, 2015, p.14) O desafio se resume em uma palavra: sustentabilidade. Palavra cunhada diversas vezes para repensar o progresso aparentemente irrefreável da condição humana. Esse progresso desenvolve a tecnologia e faz da indústria a sua força motriz, utilizando matérias-primas do meio ambiente como: petróleo, madeira, alumínio, água etc., sem sustentabilidade, sem cuidado com o planeta, num antropocentrismo exacerbado e negligente. No momento atual da sociedade humana globalizada, que se torna cada vez mais consumista, é preciso entender que o avanço da tecnologia e da indústria não são só benéficos à sociedade.

Como modo de alertar a comunidade humana aos perigos de tratar a natureza como algo a ser consumido desenfreadamente, o papa Francisco escreve a Carta Encíclica *Laudato Si'* (2015) e evidencia a insustentabilidade do discurso por trás do progresso. Ele começa mostrando as consequências e retrocede no tempo para analisar as causas. Logo no primeiro capítulo, oferece uma visão geral do problema causado pelo uso do meio ambiente como matéria-prima para desenvolver uma cultura de consumo, baseada na noção de humano como consumidor. Ao consumirmos a natureza em forma de tecnologia, fomos responsáveis pela poluição e pelas mudanças climáticas, pela escassez de água, pela perda da biodiversidade, pela própria deterioração da qualidade de vida humana, pela degradação social e pela desigualdade.

Este artigo pretende explorar a causa dos problemas supracitados e mostrar que ela pode ser concebida como a distorção da noção do humano e do ambiental. Através da análise do humano no contexto antropocêntrico, do progresso da ciência e de marcos históricos do progressismo científico, pretende mostrar como o antropocentrismo moderno transforma o humano em consumidor, a natureza em produto a ser consumido e quais são as consequências disso. Contrastando os direitos humanos, promulgados pelas Nações Unidas, com os direitos da Mãe Terra, promulgados pela nação boliviana em 2010, evidencia-se que o momento atual é crucial para reverter uma dicotomia inventada para fins insustentáveis. Para responder à questão de como viver na sociedade atual de forma sustentável, conclui-se que é necessário mudar a forma de conceber o humano e o ambiental e amalgamar essa dicotomia incoerente.

O cientista e o avanço da ciência

O homem se tornou o centro das preocupações. O progresso é feito em prol do homem. A indústria serve para suprir suas necessidades. As cidades são construídas a partir da perspectiva humana, assim como toda sua funcionalidade. A natureza é estudada, manipulada, reconhecida como “recurso”, como um instrumento, cuja a finalidade é o homem e seu bem-estar. Nessa perspectiva, a ciência avança, o homem estimula seu progresso e cria-se uma nova categoria de homem: o cientista.

O cientista é a personificação do progresso que usa o meio ambiente como recurso com a finalidade de beneficiar a comunidade humana. O incrível avanço da ciência, com a contribuição de cientistas como Albert Einstein e Niels Bohr, inspirou outros cientistas e assim por diante. Na pura visão científicista, esses avanços eram esplendorosos e provavam a capacidade humana em dominar a natureza de forma a manter o homem como o centro pungente da sociedade de seres vivos, o mais inteligente a habitar o planeta Terra. Foi justamente no compasso desse desenvolvimento antropocêntrico moderno que a comunidade (considerada por ela mesma como a) mais inteligente do planeta produziu um artefato que impressionou diversas nações ao redor do globo.

Foi através do estudo da documentação das descobertas científicas, e dos avanços irrefreáveis da tecnologia, da memória inapagável do legado humanista ao mundo e do desejo de produzir algo de importância para a humanidade que o cientista Enrico Fermi entrou para o hall da fama internacional ao receber o prêmio Nobel de Física em 1938, por seu trabalho sobre a radioatividade artificial produzida por bombardeamento de nêutrons. Em 1939, já prestigiado pelo Nobel, Fermi foi convidado por Pegram, da Universidade de Columbia, para uma conferência com a Marinha americana. No mesmo ano, Albert Einstein escreveu uma carta para o presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, citando o trabalho de Enrico Fermi e aconselhando a utilização das descobertas da física para o desenvolvimento de novas fontes de energia e para a construção de uma nova bomba. (cf. EINSTEIN, 1939)

Em 1940, com 6 mil dólares de financiamento do governo americano, um projeto de pesquisa com cientistas renomados e instituições de ensino prestigiadas do país começou a conceber o artefato já citado e impressionou o mundo. Em 1945, o projeto, chamado de Projeto Manhattan, contava com um investimento de 2 bilhões de dólares e obteve êxito em seu propósito. No dia 16 de julho, num local remoto cientificamente controlado nos EUA, foi explodida a primeira bomba nuclear. No mês que se seguiu, duas bombas nucleares produzidas

por esse projeto foram lançadas no Japão. O êxito científico de um acúmulo de conhecimento, documentado durante anos em prol da humanidade, adentrava o território de um paradoxo inegável.

Se o progresso é feito em prol do homem, se a indústria serve para suprir as necessidades humanas, se as cidades são construídas a partir de sua perspectiva e toda sua funcionalidade é feita para ele; se a natureza é estudada, manipulada, reconhecida como “recurso”, como um instrumento cuja a finalidade é o homem e seu bem-estar; se o progresso transforma o humano em consumidor e a natureza em produto a ser consumido; então porque os seres humanos de Hiroshima e Nagasaki estavam sendo aniquilados pelo produto humano que visava justamente o seu bem-estar? Esse artefato desenvolvido através do progresso científico, com a finalidade clara de destruição, que impressionou e ainda impressiona diversas nações ao redor do globo, põe em questão a validade do próprio discurso antropocêntrico moderno.

Milhões de humanos ao redor do mundo pediam o fim da Segunda Guerra Mundial e das guerras no geral. O progresso destrutivo que assolava diversas nações se mostrava desumano e, portanto, contraditório ao seu propósito humanista inicial. A Organização das Nações Unidas foi criada justamente com o intuito de evitar desfechos desumanos a ações que foram levadas a cabo, usando um discurso humanista de progresso para “preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que, por duas vezes no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano” (CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, 1945, p.3).

Em 1948, as Nações Unidas proclamaram a Declaração Internacional dos Direitos Humanos, levando em consideração a dignidade humana e a lei, outorgando a todos os humanos direitos inalienáveis como igualdade, liberdade, segurança, propriedade, trabalho, instrução, repouso, lazer, saúde e bem-estar. Os princípios dessa empreitada são inegavelmente louváveis, assim como o discurso de progresso humanista. O nome “Nações Unidas” foi concebido pelo presidente americano Franklin Roosevelt, ainda em tempos de guerra, “na Declaração das Nações Unidas, de 1º de janeiro de 1942, quando os representantes de 26 países assumiram o compromisso de que seus governos continuariam lutando contra as potências do Eixo” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018)

Essa primeira Declaração das Nações Unidas foi assinada por Roosevelt (e outros 25 representantes de nações) dois anos depois de ele haver financiado e apoiado um projeto com o intuito de produzir uma bomba, como nunca antes vista na história da humanidade, e três anos antes do sucesso efetivo da primeira bomba atômica – o ápice dos esforços humanos e recursos do Projeto Manhattan. Na conferência sobre Organização Internacional, em São Francisco, de

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2018 | V. 3 | N. 5 | Olhares Universitários sobre a *Laudato Si'*
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO.

25 de abril a 26 de junho de 1945, outros países aderiram à Declaração (incluindo o Brasil). Em julho, o primeiro teste nuclear foi autorizado e nos dias 6 e 9 de agosto de 1945 os EUA lançaram duas bombas atômicas no Japão. Foi logo em seguida, no dia 24 de outubro desse mesmo ano, que a Organização das Nações Unidas passou oficialmente a existir. Essa cadeia sucessiva de eventos contraditórios, cuja destruição e salvação do humanismo desejado provêm das mesmas raízes de modo quase esquizofrênico, é, minimamente, paradoxal.

O humano e o ambiental

No Brasil, o lema dos bombeiros até hoje segue a mesma linha de pensamento dos direitos humanos: “Nada do que é humano nos é indiferente”, inspirado na frase em latim atribuída a Terêncio: “*Homo sum: nihil humani a me alienum puto*” (PINKSTER, 2015, p.91). Esse foco humanista que se encontra nos bombeiros, nos grandes filósofos, ecoando através dos séculos nos mais diversos homens, que se encontra na guerra e nas Nações Unidas, impregna o pensamento do homem moderno. Essa falácia construída pelo homem, para o homem, tendo como finalidade a si mesmo, gera uma falsa segurança ao afirmar que, em se considerando a espécie mais inteligente, sabe melhor do que qualquer outra como gerenciar o planeta. É importante frisar que quem criou o nome das Nações Unidas, quem idealizou o financiamento e a realização do projeto que produziu a Bomba Atômica foi um mesmo homem, o presidente da nação de maior poder bélico do mundo, sempre levando em consideração a supervalorização do humano e do progresso.

“Nos tempos modernos, verificou-se um notável excesso antropocêntrico, que hoje, com outra roupagem, continua a minar toda a referência a algo de comum e qualquer tentativa de reforçar os laços sociais” (FRANCISCO, 2015, p.90-1). A contínua exploração da natureza como recurso, como objeto, como algo a serviço do homem, traz uma degradação não somente ao meio ambiente, mas ao ser humano, que não apenas vive neste ambiente, mas que é natureza também. Compostos de água, carbono, hidrogênio, nitrogênio, entre muitos outros elementos, esquecemos quem somos, pensando sempre em melhorar a nós mesmos, sem nos darmos conta que somos natureza. Somos meio ambiente. Assim como a Terra é nossa casa comum, nós também servimos de casa comum a milhões de micro-organismos que vivem dentro de nós, que dependem na nossa existência para existir e sem os quais não poderíamos viver.

A saga da melhora da espécie humana apenas pela melhora da espécie humana, o argumento circular do humano como centro das atenções humanas, a visão restrita de apenas

uma das diversas espécies existentes, tudo isso parece ser interminável. Uma espécie que, como tantas outras, convive – mesmo dentro do santuário antropocêntrico construído por si e para si – com incontáveis outras espécies. Essa desconexão com as outras espécies viventes que estão à nossa volta, ou mesmo dentro de nós, nos leva à autodestruição.

Nessa desconexão, nessa vontade exacerbada de se separar da natureza, de ser superior aos outros elementos naturais e de controlar o mundo natural, o homem inventa o conceito de “artificial”. Dentro de sua concepção distorcida de natureza como recurso, utilizado apenas para atingir finalidades humanas, “artificial” seria tudo aquilo produzido pelo homem. Porém, se tudo que o homem faz é feito a partir da natureza, se o homem é em si um constituinte da natureza e se natural é tudo aquilo que provém da natureza, como algo feito por humanos, utilizando como recurso os próprios elementos da natureza, pode não ser natural? A oposição criada para separar incessantemente a nossa comunidade do meio ambiente, através da tecnologia, um produto humano, cria a ilusão de artificialidade paradoxal que só pode ser explicada a partir da concepção antropocêntrica moderna. Como aponta o papa Francisco: “O antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano já não sente a natureza como norma válida nem como um refúgio vivente” (FRANCISCO, 2015, p.90).

É evidente que nada do que é humano nos pode ser indiferente, mas ao pronunciarmos essa frase estamos sendo enganados pragmaticamente. Enquanto a lógica dessa afirmação é impecável, o não dito, o implícito, nos aponta para um outro caminho. Se tomarmos a perspectiva da pragmática, ramo da linguística que estuda as questões do dito e do não-dito na interpretação textual ou verbal, então podemos perceber mais claramente o desafio apontado na introdução desse texto, o desafio que a carta *Laudato Si'* nos leva a enfrentar. Ao ouvirmos frases, ou mesmo lê-las, o nosso cérebro completa, inconscientemente, lacunas sobre o que não foi dito. Se nada do que é humano nos é indiferente, então, pragmaticamente, o que não é humano nos é indiferente, ou nos pode ser indiferente.

Dentro de uma lógica perfeita, podem se esconder problemas que à primeira vista passam de forma invisível. O lema dos bombeiros, o lema das Nações Unidas, a nossa vontade de unificar a humanidade e outros princípios nobres e valorosos estão imbuídos de um viés pragmático deturpado que nos impede de sair do argumento circular, que a própria humanidade criou para si, visando o seu bem-estar. A única forma de sair dessa espiral infinita parece ser uma reformulação da nossa concepção de nós mesmos e da nossa concepção dos outros, da natureza, dos direitos universais e dos nossos valores. Precisamos mudar nossas noções dicotômicas de humano e ambiental, homem e natureza, artificial e natural. Ao nos conectarmos

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2018 | V. 3 | N. 5 | Olhares Universitários sobre a *Laudato Si'*
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO.

com aquilo que tentamos fissurar, ao entender que o dito “artificial” faz parte do “natural” e que ambos existem em concomitância, ou então cessam de existir por completo, passamos a olhar para além do humano.

Não creio que seja impensada a frase em destaque que nos salta aos olhos logo nas primeiras páginas de leitura da encíclica *Laudato Si'*: “Nada deste mundo nos é indiferente”. (FRANCISCO, 2015, p.4) O desafio da sustentabilidade se baseia justamente nessa concepção mais ampla de natureza, na qual o humano está incluído e não autoexcluído. Claro, nada do que é humano nos deve ser indiferente, mas não é *apenas* isso, nada deste mundo nos deve ser indiferente. A súplica pelo ambiental é a súplica pelo humano, mas não é *apenas* isso. Para livrar nossas mentes infectadas pela noção ainda pungente e hegemônica do antropocentrismo moderno, necessitamos dos direitos universais do ambiente, para além dos direitos universais do humano.

Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra

No dia 21 de dezembro de 2010, o presidente boliviano Evo Morales promulgou a lei dos direitos da Mãe Terra (BOLÍVIA, 2010). A lei sancionada, e em vigência na Bolívia, deve ter apelo internacional, pois trata-se de uma questão global. Para o diálogo com outras nações e para a internacionalização da preocupação ambiental que assola o planeta, Morales foi à ONU mostrar o problema das políticas orientadas a acumular o capital em poucas mãos, sem respeitar os direitos da Mãe Terra. Em seu discurso, coloca em evidência que a humanidade está em perigo e terá sua existência ameaçada se as políticas não mudarem, que o planeta Terra está sendo humilhado pelo sistema capitalista e nos pede que assumamos nossa responsabilidade de garantir os direitos da Mãe Terra.

Porquanto, “esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7)” (FRANCISCO, 2015, p.3) e esse esquecimento nos leva à destruição. A Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra nos lembra quem somos: somos terra, somos meio ambiente, somos natureza e nada deste mundo nos é indiferente. Seguir os princípios promulgados de bem coletivo, garantia de regeneração da Mãe Terra, respeito aos direitos da Mãe Terra, à não mercantilização dos sistemas de vida e à interculturalidade são fundamentais para respeitar os direitos inalienáveis da Mãe Terra: o direito à vida, à diversidade da vida, à água, ao ar limpo, ao equilíbrio, à restauração e ao viver livre de contaminação. (cf. MORALES, 2010) Esse é o dever de todas as pessoas, físicas ou jurídicas, de todas as nações, ricas ou pobres, de todo

discurso, científico ou popular, de todo humano, que é também, mesmo que o tente negar categoricamente, ambiental. O “humanental”, se nos for permitido um neologismo, cuja produção tecnológica é “natifical” (natural e artificial), se reconhece como terra, como parte da Mãe Terra, ou *Pachamama*, como é chamada na Bolívia.

Assim como Jesus que, conforme retratado na Bíblia, ao expulsar os vendilhões do templo, zelou pela casa sagrada que é o templo do corpo, que usou de exemplo o templo em Jerusalém para nos lembrar de não corromper nosso corpo, nosso templo sagrado, e não o transformar em fonte exploradora nem exploratória para com nossos irmãos (cf. Jo 2,13-22.), nós também devemos controlar a mercantilização exploratória e degradante a qual sujeitamos nossos corpos: inspirando ar poluído, bebendo água contaminada, nos alimentando de vegetais modificados, da carne de animais torturados, nos envenenando aos pouco com metais pesados e elementos radioativos. Tudo isso em prol de um progresso humanista megalomaníaco, esquizofrênico e irrefreável, que só se sustenta na exploração de recursos naturais, de recursos humanos, na degradação da vida “humanental”. Ao envenenar nossas bacias hidrográficas, ao esvaziar nossas reservas de petróleo, ao queimar nossas matas, ao poluir nossos oceanos, ao mudar a paisagem e o clima do planeta, estamos infringindo os direitos da Mãe Terra.

“As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas” (FRANCISCO, 2015, p.13). O primeiro passo a ser dado é assumirmos nossa responsabilidade. Não negar o problema, não ser indiferente a ele (não ser indiferente a nada neste mundo), não se resignar, não se acomodar dentro de um modelo de sociedade autodestrutivo, não confiar cegamente em soluções técnicas, não deixar de questionar as atitudes governamentais ou científicas, estar sempre a par do problema e da solução e, o mais importante, respeitar nossa casa comum, respeitar a Mãe Terra, respeitar *Pachamama*, respeitar nosso próprio corpo e não permitir a exploração de nenhum deles.

Conclusão

Este artigo se propôs a repensar o progresso aparentemente irrefreável da condição humana, ressaltando os paradoxos do antropocentrismo moderno e mostrando que esse projeto de sociedade é insustentável. O modelo de sociedade em que vivemos é responsável pela degradação do planeta e, por extensão, todos somos responsáveis por essa degradação. Não é a condição humana o problema, mas o desejo incessante de progredir nessa condição a todo custo.

Nossa condição pode ser bela, sustentável e harmoniosa e, como mencionado na introdução, este artigo promove o reconhecimento da grandeza, da urgência e da beleza do desafio que temos pela frente: a sustentabilidade.

Porém, para sermos sustentáveis, precisamos antes de mais nada ter respeito: respeito com a nossa casa comum, respeito ao “humanental”, respeito às outras espécies e aos elementos químicos do planeta. Precisamos não *apenas* ter respeito, mas também promover harmonia, bênção, senso de comunidade e louvor. Louvada seja *Pachamama* e todos os sistemas de vida existentes com os quais temos a honra de conviver. Que tenhamos humildade para perceber que não somos superiores a ninguém e a nada; que devemos zelar pelo templo da nossa casa, assim como pelo templo do nosso corpo. Assim como guardar toda vida e a beleza de sua diversidade que nos envolve, que está dentro de nós, ou mesmo a milhares de quilômetros de distância. Louvada seja a Vida, que é uma parte da eternidade, ela mesma eterna. Que tenhamos a coragem de vivê-la com respeito. Louvado seja. *Laudato Si’*.

Referências Bibliográficas

FRANCISCO. *LS n.12*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf> Acesso em: 7 mai 2018.

EINSTEIN, Albert. [Carta] 02/08/1939, Long Inland [para] ROOSEVELT, Franklin Delano. White House, Washington D.C. 2. Solicita investimento governamental e privado em pesquisas de energia nuclear, para a construção de bombas no futuro imediato. Disponível em: <<http://www.fdrlibrary.marist.edu/archives/pdfs/docsworldwar.pdf>> Acesso em: 7 mai 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. A história da Organização, 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca/historia/>>. Acesso em: 7 mai 2018.

BOLÍVIA. La Asamblea Legislativa Plurinacional. *Ley de Derechos de la Madre Tierra*. La Paz, 2010. Disponível em: <https://bolivia.infoleyes.com/norma/2689/ley-de-derechos-de-la-madre-tierra-071> Acesso em: 7 mai 2018.

BIBLIA. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1964.

FERMI, Enrico. Nobel Lecture. 1938. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/physics/laureates/1938/fermi-lecture.pdf> Acesso em: 7 mai 2018.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Manhattan Project. 2018. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Manhattan-Project>> Acesso em: 12 mai 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, Carta das Nações Unidas, 1945. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/11/A-Carta-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas.pdf>> Acesso em: 12 mai 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, Universal Declaration of Human Rights, 1948. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/eng.pdf> Acesso em: 12 mai 2018.

PRESIDENTE MORALES pidió por los derechos de la Pachamama. Produção de Bolivision. 2018, 2min, son., color. Disponível em: <http://www.redbolivision.tv.bo/actualidad/presidente-morales-pidio-por-los-derechos-de-la-pachamama--49608> Acesso em: 12 mai 2018.

PINKSTER, Harm. *Oxford Latin Syntax*. V.1: The Simple Clause. Oxford: Oxford University Press. 2015.